

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2022

Nº 242

MARÇO - ABRIL

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	Recordando Allan Kardec	5
1500-487 Lisboa	O momento perigoso	11
Telefone : 217 647 441	Mensagem do Espírito Arago	14
	Ser Mulher...	15
*	Mensagem à Mulher	16
Director Responsável :	Oração à Mulher	20
Manuela Vasconcelos	Soprando no Vento...	21
	Pai nosso que estás nos céus	22
*		
Distribuição Gratuita		
	*	
*		

EDITORIAL

O tema de cada ‘Editorial’ deverá estar sempre de acordo com o acontecimento ou notícia mais recente, ocorrida entre a última publicação e a que estamos, agora, a elaborar; assim sendo, o tema deste editorial deverá ser sobre a guerra – a guerra que, tendo sido criada por um país do norte da Europa preocupa todo o mundo que tem tentado, de uma e outra maneira, fazer com que ela termine, nas sanções que, para o efeito, têm sido criadas. Mas é muito difícil, sempre, fazer mudar a opinião e as ideias a quem se acha senhor das mesmas... com ou sem razão.

E falam da guerra os dirigentes das nações, preocupados com a paz que ameaça fugir-lhe por entre os dedos; falam de guerra os povos que já a viveram, recordando a opressão daquela época; falam de guerra os mais novos, talvez pensando que faze-la terminar seja tão fácil como o virar a página de um livro; falam da guerra os capitalistas, os políticos e até aqueles que nada entendem do assunto mas querem mostrar conhecimento!... E até, nas bocas das crianças, os seus lábios infantis, conhecedores apenas de afagos e guloseimas, pronunciam a mesma palavra como se estivessem a referir um doce novo que desejaríamos saborear!

Eu vivi a 2ª Grande Guerra – a de 1940/1945 – e desculpem escrever agora na primeira pessoa, mas vou recordar um pouco algumas das lembranças que a minha memória registou, daquela época. Em 1939 meu pai respondeu a um anúncio de trabalho, para Angola, para onde foi sozinho. Minha mãe estava grávida e ficámos – ela, eu e o meu irmão, mais novo 2 anos, aguardando a ‘chegada’ da bebé, para partirmos ao seu encontro. Embarcámos no final de Junho de 40, vindo eu a fazer 8 anos a bordo.

Minha mãe lembrava, por vezes, acontecimentos ocorridos durante a viagem, o maior dos quais sucedeu 2 dias depois de termos deixado Lisboa, e quase a chegarmos ao Funchal. Era de noite e, de repente, no meio das trevas de uma noite sem luar, apesar de ser verão, uma voz multiplicada pela sonoridade de um altifalante interrompeu o silêncio para ordenar ao comandante do ‘Mouzinho’ que recuasse umas tantas milhas. O comandante, talvez, sentindo-se português e a navegar em águas nacionais fez-se surdo, continuando a navegar em direcção ao Funchal, quando segunda ordem, idêntica à primeira, se voltou a fazer ouvir, terminando com “este é o segundo aviso, não faremos terceiro”. E o comandante, com a responsabilidade de todas aquelas vidas que transportava no bojo do navio, esqueceu-se – talvez – que era português, e obedeceu!

No trajecto entre o Funchal e S. Tomé – 8 dias só entre água e céu – voltou a acontecer o mesmo, mas a rota, de momento, era diurna e a recordação do acontecido anteriormente fez que tudo corresse de maneira diferente... acabando por chegarmos a Moçâmedes, onde desembarcámos, sem mais percalços.

Televisão, àquela época, não havia; as todas as noites os rádios dos moradores da cidade eram ligados, sorratamente, para a BBC, que dava as notícias sobre a guerra em português, terminando-as sempre com o nosso Hino Nacional... e lembro-me ainda hoje, de ver o meu pai a limpar os olhos das lágrimas que os inundavam enquanto o Hino recordava os ‘Heróis do Mar’...

Não tenho ideia de problemas maiores em Angola, fosse em Moçâmedes ou Sá da Bandeira, onde alternávamos a estadia ou, a partir de 1949 em Luanda mas, de dois em dois anos, com minha mãe e meus irmãos, vínhamos sempre passar uns meses – não me lembro quantos – a Portugal e, aqui, eu reparava nas conversas em

que se falava das dificuldades em se encontrar algumas coisas, desde as batatas ao azeite, do arroz até ao pão. Durante vários anos o bacalhau ‘desapareceu’ do mercado, sendo substituído pelo ‘pichelim’, um peixe seco e bem mais pequeno que o outro, embora também saboroso. As pessoas, quando anunciado ou avisadas que A, B, ou C, iriam ter x produto para venda, faziam fila às portas desde o princípio da noite, onde havia sempre alguém que chegara primeiro! E depois de uma noite de pé, sentadas no chão ou nalgum banquinho com que se tivessem prevenido, viam muitas vezes chegar a sua vez para escutarem o “já se acabou! Não há mais!”.

Ainda hoje, visto a esta distância, eu não consigo perceber o ‘milagre’ com que durante aqueles anos os pais alimentaram os filhotes – às vezes com meia sardinha numa grossa fatia de pão.

De uma das vezes que ali fomos, ficámos alojados no 2º andar de uma pensão na R. Nova do Almada, perto dos grandes armazéns do Grandela e do Chiado. Num dos prédios em frente, no topo, estava instalado o relógio de S. Paulo, que martelava as horas de 60 em 60 minutos... Era de noite. De repente, ouviu-se uma voz autoritária, quase num berro: “Fechem essa janela!” Assustámo-nos, mas obedecemos de imediato: é que as janelas sem portadas de madeira tinham obrigatoriamente de ter os vidros forrados com papel preto (ou quase), ou cortinas da mesma côr, para que a luz não passasse para fora, denunciando a moradia, para não servir de íman a algum avião inimigo. Portugal não entrara na guerra, mas tínhamos todos de agir com precaução.

Lembra-me, ainda, de ouvir dizer que o nosso 1º Ministro, Salazar, não deixava que as varandas dos prédios que davam para as ruas fossem ocupadas a não ser com plantas mas, durante aquele tempo, autorizara que fossem vedadas com rede ou ali colocado um

caixote com uma galinha ou um coelho, para que houvesse sempre comida de reserva para os moradores.

1940/1945 – Em maio de 1945 fomos acordados com os gritos de que a guerra tinha acabado. Nos campanários, os sinos tocavam a passar a boa nova... O armistício foi assinado nesse mesmo ano, no dia 11 de Novembro.

Julgámos, então – todos nós que viveramos aquela guerra - que ela fôra a última. O horror do que fizera a bomba atômica lançada em Hiroxima e Nagazaky ainda hoje se fazem presentes nas imagens que chegaram até nós, sobreviventes, não só a revelarem-se nas imagens que surgiram na época como naquelas outras que, de vez em quando, voltam a ser repetidas, a recordar o pesadelo de então.

Afinal, aquela não foi a última grande guerra... E agora, como vai ser?

Deus se apiede desta humanidade, ainda tão imperfeita!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

A 3 de Outubro de 1804 nasceu em Lyon uma criança do sexo masculino, filha de Antoine Rivail, juiz e magistrado, e de Jeanne Duhamel, a quem foi dado o nome de LEON HIPPOLYTE DENIZARD RIVAIL.

Descendente de família proba e honrada, de virtudes reconhecida, vários de seus avós tinham sido, tal como seu pai, advogados e magistrados, profissões onde se distinguiram pelo saber e honestidade com que as desempenharam. No entanto, e apesar da ascendência, Léon Hippolyte, contrariando as tendências familiares, desde cedo procurou as ciências e a filosofia, tendo estudado na cidade suíça de Yverdun, onde se bacharelou em letras e ciências. Aluno do famoso Mestre Pestallozi, bem cedo se tornou seu colaborador eficiente, substituindo-o na direcção da escola sempre que aquele tinha de se deslocar ao estrangeiro.

Falava correctamente alemão, inglês, italiano e espanhol, exprimindo-se ainda, com facilidade, em holandês.

Voltando a Paris, fundou, na Rua Sèvres, 35, uma escola idêntica àquela onde estudara, casando-se, em 6 de Fevereiro de 1832 com Amélie Gabrielle Boudet, 9 anos mais velha. Ao fundar a escola chamara para seu sócio um seu tio, viciado no jogo, que o levou à ruína, e que com o seu comportamento o fez passar a escola, empregando, então o dinheiro recebido da liquidação numa firma de amigos, que também faliu.

Ao desfazer-se da escola passou a trabalhar na contabilidade de 3 firmas, aproveitando as noites para escrever gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores, traduções de obras inglesas e alemãs. Em casa criou, ainda, conjuntamente com a esposa, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, no espaço que meou entre 1835 e 1848, tendo publicado diversos livros de estudo entre 1828 e 1848, alguns dos quais, adaptados pela Sorbonne e muito vendidos, proporcionaram, finalmente, ao casal Denizard Rivail uma singela segurança material.

Em 1831 foi premiado pela dissertação sobre “Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época”; em 1849 lecionou, no liceu Polimático, as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física.

Este foi o pedagogo e professor famoso.

Tendo estabelecido relações com o magnetizador Fortier, devido aos seus estudos sobre o magnetismo, em 1854 ouviu então, pela primeira vez, falar em mesas girantes, que aquele referiu afirmando que “o mais extraordinário não era apenas o fazer girar uma mesa, mas como o faze-la falar: pergunta-se e ela responde!” respondendo Léon Hippolyte que acreditaria quando visse e quando conseguissem provar-lhe que *uma mesa dispõe de um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode tornar sonâmbula. Até que tal se desse, não veria, em tal afirmação, senão uma história para provocar o sono...*”

Assim, desde o princípio exigindo provas que fimassem verdades, se manifestou o Professor Rivail em relação àquilo que ele pensava como manifestações contrárias às leis da Natureza e que a sua razão não aceitava, mas, em 1855, o seu amigo de há 25 anos, Carbotti, falou-lhe demorada e entusiasticamente no fenómeno, referindo, pela primeira vez, a interferência dos espíritos... mas tanto contando, tal entusiasmo demonstrando que, em vez de o convencer mais o fortaleceu nas suas dúvidas!

Numa terça-feira de Maio de 1855, e pela primeira vez, a convite do sr. Pâtier, que encontrara em casa da sonâmbula Roger quando a visitara com Fortier, pôde testemunhar o fenómeno das mesas girantes que saltavam e corriam, em tais condições que não era possível nenhuma dúvida! Assistiu, ali também, a ensaios de escrita mediúnica em ardósia, com o auxílio de uma cesta. Sem que

o facto lhe modificasse a maneira de pensar sentiu, no entanto, que no que sucedia devia haver uma causa que seria como que a revelação de uma nova lei, que se propôs investigar a fundo.

Frequentando reuniões, estudando, aprofundando a verdade a que, afinal, se rendeu, aceitando as indicações e informações dos Guias Espirituais, em 18 de Abril de 1857 publicou a 1ª edição de ‘O Livro dos Espíritos’. Mas, por ser muito conhecido o seu nome no mundo científico, resolveu apresentar a obra com o pseudónimo de ALLAN KARDEC, nome que, conforme informação de seu Guia, ele usara numa encarnação anterior, quando sacerdote druida.

Rapidamente esgotada aquela edição, foi reeditada em 1858, revista e bastante aumentada.

Impulsionado para o trabalho a realizar e todo dado à Causa que abraçara, no dia 1 de Janeiro de 1858 publicou, a expensas suas, o primeiro número da REVISTA ESPÍRITA, de que não falara a ninguém... e a esse número os outros sucederam-se ininterruptamente, mensalmente, até ao seu desencarne.

Ainda em 1858, no dia 1 de Abril, funda-se a ‘Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas’, onde passam a realizar-se as reuniões espíritas que, até ali, se realizavam em sua casa.

Na primeira quinzena de Janeiro de 1861 surge ‘O Livro dos Médiuns’, e ainda nesse ano, em Barcelona, foram destruídos 300 volumes de obras espíritas, encomendadas pelo livreiro Maurice Lachâtre, que professava as suas mesmas ideias e as pedira para venda e propaganda da Doutrina. Dessas obras, à sua chegada a Espanha, foram cobrados os direitos alfandegários, não mais devolvidos, mas os livros foram guardados pelos funcionários do Governo e confiscados pelo Santo Ofício à ordem do Bispo de

Barcelona, e queimados em praça pública no dia 9 de Outubro de 1861, às 10,30 da manhã, numa acção que ficou conhecida como “Auto de Fé de Barcelona”.

Os 300 volumes eram compostos pelas obras:

- **Revista Espírita**, Director, Allan Kardec; **Revista Espiritualista**, Director, Piérart; **O Livro dos Espíritos**, de Allan Kardec; **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec; **O que é o Espiritismo**, de Allan Kardec; **Fragmentos de Sonata**, do Espírito Mozart; **Carta de um Católico sobre o Espiritismo**, do Dr. Grand; **A História de Joana d’Arc** ditada por ela mesma à médium Ermance Dufaux; **A Realidade dos Espíritos demonstrada pela Escrita Directa**, do Barão de Guldenstubbé.

Allan Kardec, em pleno direito de obrigar o Governo Espanhol a devolver-lhe todos os livros confiscados foi, pelos Guias, demovido de tal, afirmando-lhe ser preferível, para a propaganda do Espiritismo, deixar que os espanhóis agissem como muito bem entendessem...

Em 1862 surgiu, ainda, uma *Refutação de críticas contra o Espiritismo*, sob o ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião.

Em Abril de 1864 foi publicada a “Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo”, título mais tarde alterado para o que é, ainda hoje, o “Evangelho Segundo o Espiritismo”.

A 1 de Agosto de 1865 surgiu o livro “O Céu e o Inferno”, onde se encontram relatados inúmeros casos da situação dos Espíritos no mundo espiritual como na Terra.

Em Janeiro de 1868 Kardec publica, ainda, “A Génese, os Milagres e as Predições sobre o Espiritismo”, obra que constitui a síntese dos livros anteriormente publicados, mas reeditado posteriormente com o título, mais simples, de “A Génese”.

No intervalo das diversas publicações, Allan Kardec entregou totalmente à propagação da Doutrina Espírita, tal como a recebera do Paraclito ou Espírito de Verdade, deslocava-se a diversas cidades falando, ensinando, explicando... mas, conforme ele mesmo escreveu, em 1/1/1867, foi *muitas vezes alvo do ódio de implacáveis inimigos, da calúnia, da injúria, da inveja, do ciúme; contra mim, têm-se publicado infames labels; minhas melhores instruções foram deturpadas; tenho sido traído por aqueles em quem mais depositava confiança e pago com a ingratidão por aqueles a quem prestei serviços. A Sociedade de Paris fez-se um foco de intrigas, tramadas por aqueles que se diziam a meu favor, os quais, em minha presença, amáveis, na ausência me destravavam. Afirmaram que os que seguiam meu partido eram assalariados por mim com o dinheiro que eu arrecadava com o Espiritismo. Não sei mais o que é repouso; mais de uma vez desfaleci; devido ao excesso de trabalho minha saúde se alterou e comprometi minha existência. Contudo... sou feliz por reconhecer que não experimentei ainda nenhum instante de esmorecimento nem de desânimo e que constantemente prossegui em minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a maledicência de que me faziam alvo. De acordo com o Espírito da Verdade, devia eu esperar tudo isso, e tudo se verificou.*

A 31 de Março de 1869, com 65 anos de idade, vítima da rotura de um aneurisma, desencarnou em Paris.

MANUELA VASCONCELOS

(Texto baseado no livro ‘Biografia de Allan Kardec’, de Henri Saucé e publicado no nº.5, de Março de 1982 da nossa Revista, tendo a signatária usado o pseudónimo ‘Maria da Graça’).

*

O MOMENTO PERIGOSO

Na ociosidade surge e cresce o mal

“*Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também.*”
- JESUS. (Jo, 5: 17).

A miséria, tanto física como moral, alcança rapidamente os ociosos. Por isso, o trabalho constitui mesmo uma necessidade e é Lei da Natureza.

Em todos os Orbes vige o trabalho. Evidentemente, que nos mundos mais adiantados o trabalho é menos material e mais mental, porém, não menos importante. Nesses planetas ninguém fica inactivo, vez que ali a ociosidade seria um suplício.

Respondendo à pergunta número 677 de ‘O Livro dos Espíritos’, os Benfeitores Espirituais declaram que “*tudo em a Natureza trabalha*”; desde os animais até aos homens. Aqueles, inconscientemente embora, como os homens, são os executores dos desígnios do Criador.

Jamais cessa a obrigação moral de tornar-se útil!

Nesse passo, é bom lembrar as lúcidas palavras de Joanna de Ângelis contidas respectivamente nos capítulos 7 e 8 dos livros “Leis Morais da Vida” e “Episódios Diários”, ambos psicografados

por Divaldo Pereira Franco: “sob pretexto algum te permitas a hora vazia... Enquanto trabalhas, olvidas problemas e superas limitações, consubstancias ideais e incrementas a felicidade. Em retribuição, a actividade ordeira te proporciona esperanças, modificando as paisagens por mais complexas e pressagas se te apresentem.

Justificando cansaço ou desengano, irritabilidade ou enfado, desespero íntimo ou falta de estímulo, evita cair no desânimo que abre claros na acção do bem, favorecendo a inutilidade e inspirando as ideias perniciosas. O trabalho perseverante no bem não apenas engendra o progresso, mas estatui a paz.

Se supões que todos se voltam contra os teus propósitos superiores, insiste na actividade, que falará com mais eficiência do que tuas palavras; coagido pela estafa, muda de atitude mental e renova a tarefa, surpreendendo-te com motivação nova para o prosseguimento do ideal; vitimado por injunções íntimas, perturbadoras, que se arraigam no teu passado espiritual, redobra esforços e actua confiante. O trabalho é, ao lado da oração, o mais eficiente antídoto contra o mal, porquanto conquista valores incalculáveis com que o Espírito corrige as imperfeições e disciplina a vontade.

O momento perigoso para o cristão decidido é o do ócio, não o do sofrimento nem tampouco o da luta áspera. Na ociosidade surge e cresce o mal. Na dor e na tarefa fulguram a luz da oração e a chama da fé.

Maledicências e intrigas, vaidades e presunções, calúnias e boatos, despeito e descrédito, inquietação e medo, pensamentos deprimentes e tentações nascem e se alimentam durante a hora vazia. Os repulsivos germes criminosos de muitos males que

pesam negativamente sobre a economia da sociedade se desenvolvem durante os minutos de desocupação e ociosidade.

Os desocupados jamais dispõem de tempo para o próximo, atarantados pela indolência e pela inutilidade que fomentam o egoísmo e desenvolvem a indiferença.

Cuidado com a hora vazia, sem objectivo, sem actividade... Nesse espaço de tempo, a mente engendra mecanismo de evasão e delira. Cabeça ociosa é perigo à vista, mãos desocupadas facultam o desequilíbrio que se instala. Grandes males são maquinados quando se dispõe de espaço mental em aberto.

Actividades para a hora vazia

Em cada momento sabiamente aproveitado, adiciona produtividade na tua sementeira de esperança. Se, por alguma circunstância, surge-te uma hora vazia, preenche-a com uma leitura salutar ou uma conversação positiva, ou um trabalho que aguarda oportunidade para execução, ou uma acção que te proporcione prazer...

Quanto mais o homem preenche os espaços mentais com as ideias do bem, mediando o estudo, a acção ou a reflexão, mais aumenta a sua capacidade e conquista mais amplos recursos para o progresso. Estabelece um programa de realizações e visitas para os teus intervalos mentais, as tuas horas vazias, e te enriquecerás de desconhecidos tesouros de alegria e paz.

O trabalho se alicerça nas Leis de Amor que regem o Universo: trabalha o verme no solo, o homem na Terra e o Pai nas Galáxias... A vida é um hino à dinâmica do trabalho. Não há ócio em a Natureza, vez que o aparente repouso das coisas traduz a

pobreza dos sentidos humanos. A vida se agita em toda a parte. O movimento é Lei universal em tudo presente.

Não te detenhas a falar sobre o mal. Actua no bem. Não te escuses à glória de trabalhar pelo progresso de todos, do que resultará a tua própria evolução.

O trabalho de boa procedência em qualquer direcção, produz felicidade e paz. Dele jamais te arrependerás! Não esperes recompensa pela sua execução. Produz pela alegria de ser útil e activo, içando o coração a Jesus, que sem desfalecimento trabalha por todos nós, como o Pai Celeste que, até agora, também obra sem cessar”.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

A dúvida é uma prova de modéstia e raras vezes ela terá estorvado o progresso. Outro tanto não se pode dizer da incredulidade. Quem, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra “impossível” carece de prudência. A reserva é um dever, mormente quando se trata da organização animal. – ARAGO. – Revista ‘Além’, Julho/Agosto 1943.

*

SER MULHER...

Ser mulher
É sentir e dar ternura,
Acarinhar com doçura
O amor que Deus nos der...
É usar e impor respeito,
Acalentar junto do peito
A ilusão que se tiver!
É ser irmã, companheira,
Ser amiga, enfermeira,
Sem sentir a própria dor...
É velar, sorrir, chorar,
Silenciar ou falar...
Tudo fazer com Amor!
É ser o Anjo da Guarda
Do companheiro que tarda,
Do filho que um dia venha...
É ser tudo... e não ser nada!,
É sentir-se acompanhada
Se a solidão a ‘companha!
É cantar quando se chora,
Rir à dor que nos namora
Que o dia a dia trouxer...
Não é nada... e é tudo isto,
E sabe Deus porque existo,
Porque vivo... e sou Mulher!

MANUELA VASCONCELOS

Lourenço Marques, 1959.

MENSAGEM À MULHER

Esta mensagem é apoiada na obra “A Boa Nova”, ditada ao médium Francisco Cândido Xavier pelo Espírito de Humberto de Campos, no capítulo sobre Joana de Cusa, esposa do intendente de Cafarnaum, no tempo de Herodes, na época em que Jesus vivia na Terra. Achei interessante contar-lhes algo da história desta ilustre dama, na parte que se relaciona com a vida de Jesus, o nosso Divino Mestre e seu esposo principalmente.

“Joana de Cusa, apesar de suas virtudes e sua fé nos desígnios de Deus, não conseguia resignar-se às contrariedades e sofrimentos de seu lar, porque seu esposo não aceitava as claridades do Evangelho de Jesus.

“Considerando seus dissabores íntimos, a nobre dama resolveu-se a procurar Jesus, numa determinada ocasião em que Ele descansava em casa de Simão, e expôs-lhe toda a série de suas contrariedades e padecimentos. O esposo não tolerava a doutrina da Boa Nova, pregada e exemplificada por Jesus e seus discípulos.

“Alto funcionário do governo de seu país, sempre em contacto com a vida política e seus representantes, repartia os seus interesses ora com uns, ora com outros, sem perder jamais de vista as suas conveniências pessoais e de ordem política.

“Joana confessou ao Mestre as suas lutas e constantes desgostos no ambiente de sua vida doméstica, assim como as lutas provenientes de divergências religiosas com seu esposo, o que muito a desgostava e fazia sofrer.

“Após ouvir-lhe a longa exposição, Jesus disse-lhe com muita ponderação e carinho:

“- Joana, só há um Deus, que é nosso Pai. E só há uma fé para as nossas relações com Ele através da prece. Certas manifestações religiosas no mundo, muitas vezes, não passam de vícios populares nos hábitos exteriores. Todos os templos da Terra são de pedra. Eu venho de meu Pai para abrir o templo da fé viva no coração dos homens. Entre o sincero discípulo do Evangelho e os erros milenários do mundo, vai começar a travar-se o combate sem sangue, porém, de grande luta, em prol da redenção espiritual.

“Agradece, assim mesmo, ao Pai o haver-te considerado digna desse trabalho na parte que te foi confiada. Teu esposo não te compreende a alma sensível? Compreender-te-á um dia. É leviano e indiferente? Ama-o assim mesmo, pois não te acharias ligada a ele se não houvesse, para isso, razão justa.

“Falas-me de tuas lutas, divergências e constantes desgostos, causando-te tudo isso muitas apreensões. Deves, pelo Evangelho que te esclareceu a mente e te encheu o coração de paz e amor, amá-lo ainda mais. Os são não precisam de médico. Além disso, não podemos colher uvas nos espinheiros. Mas poderemos amanhã melhor a terra que só produziu cardos venenosos, a fim de cultivarmos, nela mesma, a videira maravilhosa do amor e da vida eterna. Tem fé e bom ânimo, Joana, que nosso Pai te ajudará.

“Joana deixava entrever no brilho suave de seus olhos, a íntima satisfação que aqueles divinos esclarecimentos lhe causavam. Mas, patenteando todo o seu estado de alma e fraqueza de coração, interrogou ainda:

“- Mestre! Vossa palavra me alivia o espírito atormentado, entretanto, sinto dificuldade extrema para um entendimento com meu esposo, no ambiente de nosso lar. Não julgueis acertado que lute por impor-lhe os vossos princípios? Agindo assim não estarei reformando o meu esposo para o Céu, o vosso Reino?

“O Mestre sorriu e serenamente respondeu, dando mais estes sábios ensinamentos:

“- Joana! Quem sentirá mais dificuldades em estender as mãos fraternas? Será o que atingiu as margens seguras do conhecimento com o nosso Pai, ou aquele que ainda se debate entre as ondas da ignorância ou da desolação; da inconstância e da indolência do espírito? Quanto à imposição de ideias, continuou Jesus, acentuando a importância de suas palavras: por que motivo Deus, nosso Pai, não impõe a sua Lei, a Verdade, o Amor, aos tiranos da Terra? Porque não fulmina Ele com um raio o conquistador desalmado que só espalha a miséria e a destruição com as forças sinistras da guerra? A sabedoria Celeste não extermina as paixões de ninguém: transforma-as. Aquele que semeou o mundo de cadáveres, desperta, às vezes, para Deus, para a Verdade, para o Amor de nosso Pai, com uma simples lágrima.

“Deus não impõe a reforma de seus filhos, esclarece-os no momento oportuno. Joana! O apóstolo do Evangelho é o da colaboração com o céu nos grandes princípios da redenção. Sê fiel a Deus, amando ao teu companheiro do mundo, como se ele fôra teu filho. Não percas tempo a discutir coisas inúteis e de somenos importância. Deus não trava contendas com as suas criaturas e trabalha sempre, em silêncio, por toda a criação, amando e servindo. Vai... Esforça-te, também, no silêncio. E quando fores convocada ao esclarecimento, para dar testemunho da Verdade, fala o verbo doce ou enérgico da salvação, segundo as circunstâncias, porém,

sempre obediente à vontade de nosso Pai, a quem deves atender na tua consciência, amando e perdoadando. Volta ao teu lar e ama o teu companheiro como material Divino que o céu confiou aos teus cuidados, para que nele talhes uma obra de vida, sabedoria e amor.

“Joana de Cusa experimentava um brando alívio no seu coração. Enviando a Jesus um olhar de carinhoso agradecimento, guardava em seu coração as últimas palavras de recomendação que pareciam ainda dizer-lhe: Vai, filha! Sê fiel!”

Tais são os ensinamentos de Jesus Cristo, nosso Divino Mestre, aquele que nos afirmou ser «O Caminho, a Verdade e a Vida», e que ninguém chegaria ao Pai sem ser por Ele. Que esta mensagem possa levar a outras Joanas que nos leiam, a paz que lhes proporcionará bom ânimo para o feliz desempenho de sua missão, toda de fraternidade e amor. Pois, do outro lado desta vida, outros amigos nos coadjuvam, interessando-se pelo nosso progresso. O que se faz necessário é afirmar melhor nossa crença e nossa fé na religião que professamos. Nada de vacilações, que só servem para tornar-nos instrumentos de maiores provações. Sigamos o Evangelho do Mestre, sempre obedientes aos ensinamentos que Ele nos pregou e exemplificou.

Quem vive na sua luz não tropeça porque vê o caminho, os obstáculos e sabe contorná-los em seu devido tempo. Porque Ele é a luz do mundo. Quem se orienta por meio dessa luz, o seu passo é firme e vigoroso, porque sabe que leva em si mesmo a certeza da Vida Eterna.

JOSÉ SIMÕES DE MATTOS

(In: Revista Portuguesa já desaparecida, ESTUDOS PSIQUICOS, Abril de 1978).

ORAÇÃO À MULHER

Missionária da vida,
Ampara o homem para que o homem te ampare.

Não te conspirques no prazer,
Nem te mergulhes no vício.
A felicidade na Terra depende de ti, como o fruto
Depende da árvore.

Mãe, sê o anjo do lar.
Esposa, auxilia sempre. Companheira, acende o
Lume da esperança. Irmã, sacrifica-te e ajuda.
Mestra, orienta o caminho. Enfermeira, compadece-te.
Fonte sublime, se as feras do mal te poluírem
As águas, imita a corrente cristalina
Que no serviço infatigável a todos, expulsa
Do próprio seio a lama que lhe atiram.

Por mais te aflija a dificuldade,
Não te confies à tristeza ou ao desânimo.
Lembra os órfãos, os doentes, os velhos e os
Desvalidos da estrada, que esperam por teus braços
E sorri, com serenidade para a luta.

Deixa que o trabalho tanja
As cordas celestes do teu sentimento, para que
Não falte a música da harmonia aos pedregosos
Trilhos da existência terrestre.

Teu coração é uma estrela encarcerada.
Não lhe apagues a luz, para que o amor resplandeça

Sobre as trevas. Eleva-te, elevando-nos.

Não te esqueças de que trazes nas mãos
A chave da vida,
Porque a chave da vida é a glória de Deus.

MEIMEI

(In “À luz da Oração”, ed. ‘O Clarim’, de Matão, S. Paulo, Brasil, médium Francisco Cândido Xavier).

*

SOPRANDO NO VENTO...

Aos 21 anos Bob Dylan compôs a música “Soprando no Vento”. 1962... Tempos de crise, guerras, discriminação racial e religiosa, conflitos sociais, violência, ódios. 40 anos depois, haverá outra resposta para as perguntas que ele questiona?”

Quantos caminhos deve o homem percorrer
Antes que o chamem de Homem?
Quantos mares deve uma pomba branca navegar
Antes que possa repousar na praia?
Quantas vezes mais as balas do canhão voarão
Até que sejam banidas para sempre?
A resposta está soprando no vento.
Quantos anos deve uma montanha existir
Até que desapareça no mar?
Quantos anos devem algumas pessoas existir
Até que sejam permitidas de ser livres?
Quantas vezes pode o homem virar a cabeça

E fingir que simplesmente não vê?
A resposta, meus amigos, está soprando no vento...
A resposta está soprando no vento.
Quantas vezes deve um homem olhar para cima
Antes que possa ver o céu?
Quantos ouvidos deve um homem possuir
Até que possa ouvir o pranto do seu próximo?
Quantas mortes ainda serão necessárias
Até perceber que já morreram pessoas demais?
A resposta, meu amigo, está soprando no vento...
A resposta está soprando no vento
A resposta está soprando no vento...

(Transcrito da internet, mas não registámos a página. Tanto quanto nos lembramos, foi a propósito da guerra, que rebentou na Crimeia, e nos aflige a todos. Pedimos desculpas pela informação incompleta).

*

PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS...

Assim, pois, é que deveis orar, disse o Mestre: Pai nosso que estás nos céus...

Pai Nosso, isto é, de todos os homens, da humanidade inteira, abrangendo todas as raças, todas as nações, todos os povos. Pai dos bons e dos maus, dos justos e dos pecadores, sobre os quais derrama, sem excepção, as suas chuvas e faz incidir indistintamente os raios benéficos do seu sol que aquece, ilumina e vivifica.

Pai do judeu e do gentio, do fariseu e do publicano, dos circuncidados e dos circuncisos, dos que crêem e também dos que não crêem. Pai dos ricos e dos pobres, dos sábios e dos ignorantes, dos reis e dos vassallos, dos magnates e dos párias, dos poderosos e dos humildes.

Da paternidade divina decorre como premissa inalienável a fraternidade humana.

Todos os homens são irmãos. As raças – branca, preta e amarela; a latina e a saxónica, todas se confundem formando uma só: a raça humana.

Apagam-se as fronteiras que dividem os povos; as nacionalidades irmanam-se, os idiomas conjugam-se, os pavilhões mesclam suas cores; uma só família habita a Terra: a Humanidade!

Não há mais judeus nem gentios, fariseus nem publicanos, saduceus nem samaritanos: há um só rebanho e um só pastor – Cristo Jesus.

Nobres e plebeus, ricos e pobres, sábios e inscientes, intelectuais e operários, cérebro e músculos, capital e trabalho já entendem perfeitamente. Não há mais dissídios, nem contendias, nem lutas fraticidas.

A sociedade não se compõe mais de classes ou castas que mutuamente se exploram e se hostilizam: é um todo homogéneo. As partes se ajustam e se completam, formando a grande harmonia na diversidade.

Tal prodígio se consumará como efeito natural da compreensão e assimilação em espírito e verdade da primeira sentença da oração dominical:

Pai nosso *que estás nos céus*, isto é, que pairas acima de todas as competições, zelos, ciúmes e rivalidade; que pairas acima de toda a eiva sectária ou partidária, de todos os interesses subalternos, de todas as paixões inconfessáveis que separam os homens gerando entre eles antagonismos e odiosidades.

Pai nosso que estás nos céus! Ouve a nossa prece e faz com que todos nós sintamos em nossos corações que Tu és os nosso Pai, e nós somos irmãos; pois de tal depende, como u sabes e o eu Cristo no-lo revelou, a solução de todos os nossos problemas, a conquista de todo o nosso bem.

VINICIUS

(In Revista Espírita LUZ E CARIDADE, de Braga, do Centro Espírita com o mesmo nome, em Julho de 1934).

*

